

O CONHECIMENTO POPULAR APLICADO NA IDENTIFICAÇÃO DE ESPÉCIES DE SCIAENIDAE POR PESCADORES ARTESANAIS DA COMUNIDADE DE REGÊNCIA, LINHARES – ES

Danila Faisas da Paixão^{1*}, Walter Dennis Menezes de Oliveira¹, Caio Ishibashi Minei^{1,2}, Joelson Musiello-fernandes¹, Mauricio Hostim-Silva¹

1-Laboratório de Pesca e Aquicultura - LABPESCA, Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas, CEUNES-São Mateus, Universidade Federal do Espírito Santo;

2- Oceana Brasil, Brasília, DF, Brasil.

*Endereço de e-mail: danifaisas@gmail.com, walter.dennis@outlook.com, caioishibashiminei@gmail.com, joelson.fernandes887@fest.org.br

mauricio.silva@ufes.br

Ciências Biológicas

Introdução e Objetivo

A pesca artesanal representa não apenas uma atividade econômica, mas também um elemento central da identidade cultural e da subsistência de diversas comunidades costeiras brasileiras. (SILVA *et al.*, 2022; DIAS; SEIXAS, 2020). Este segmento da pesca, caracterizado pelo uso de embarcações de pequeno porte, técnicas tradicionais e forte dependência do conhecimento ecológico local, preserva práticas transmitidas oralmente ao longo de gerações. Além de garantir a segurança alimentar e a renda, a pesca artesanal está intimamente ligada à manutenção de saberes tradicionais que refletem a interação histórica entre populações humanas e ecossistemas aquáticos. (FREDERICO *et al.*, 2021; PAULA *et al.*, 2022).

Nesse contexto, a etnotaxonomia surge como um campo de estudo relevante dentro da etnobiologia, voltado à compreensão dos sistemas de classificação popular de organismos. (DIAS; SEIXAS, 2020). Baseada em critérios culturais, linguísticos e utilitários, a etnotaxonomia permite entender como comunidades organizam, identificam e nomeiam elementos da biodiversidade. No caso da pesca, esse conhecimento inclui a percepção apurada das características morfológicas e comportamentais das espécies, frequentemente convergindo com descrições científicas, mas também revelando divergências adaptadas à vivência cotidiana (FERNANDES *et al.*, 2020).

A comunidade de Regência, localizada na foz do rio Doce, Espírito Santo, destaca-se como um ambiente de rica biodiversidade, resultado da interação entre águas fluviais, estuarinas e marinhas. (DIAS; SEIXAS, 2020; POLICARPO *et al.*, 2020). Os pescadores locais apresentam um conhecimento refinado sobre as espécies da família Sciaenidae, um grupo de peixes de alta relevância ecológica e econômica na região. Entretanto, esse saber encontra-se ameaçado por

processos de modernização, pela diminuição do interesse das novas gerações na atividade e pela substituição de práticas artesanais por métodos industriais.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo documentar e analisar o sistema de classificação popular dos pescadores artesanais de Regência para as espécies de Sciaenidae, comparando-o com a taxonomia científica e investigando o processo de transmissão intergeracional desse conhecimento. Ao fazê-lo, busca-se contribuir para a valorização dos saberes tradicionais, subsidiar estratégias de manejo pesqueiro sustentável e fortalecer a preservação cultural e ambiental da comunidade.

Método e Metodologia

A pesquisa possui natureza qualitativa e descritiva, com foco etnobiológico, voltada para compreender e documentar o conhecimento etnotaxonômico dos pescadores artesanais da comunidade de Regência, município de Linhares, Espírito Santo. Essa abordagem buscou captar, de forma aprofundada, a percepção e os critérios populares utilizados na identificação das espécies da família Sciaenidae, comparando-os à taxonomia científica.

A coleta de dados foi realizada entre novembro e dezembro de 2024, diretamente na comunidade de Regência, situada na foz do rio Doce. Os participantes foram selecionados por meio da técnica de amostragem “bola de neve” (*snowball sampling*), iniciando-se com pescadores reconhecidos pela experiência e indicações subsequentes feitas dentro da própria comunidade. Ao todo, 14 pescadores foram entrevistados individualmente, em encontros presenciais de cerca de 30 minutos cada, conduzidos em locais adequados e respeitando a rotina de trabalho dos participantes.

Para facilitar o reconhecimento das espécies, utilizou-se uma prancha ilustrada contendo imagens de dez espécies-alvo, previamente selecionadas com base em sua representatividade na pesca local. As entrevistas foram semiestruturadas, com um roteiro de perguntas que abordava a nomenclatura popular, as características morfológicas e ecológicas relevantes para identificação, além do processo de transmissão do conhecimento. Todos os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, garantindo-se anonimato e uso exclusivo das informações para fins acadêmicos.

A análise de dados consistiu inicialmente na organização das respostas em tabelas relacionando nomes populares e científicos, bem como na sistematização das características morfológicas citadas. As espécies foram agrupadas em referências aos caracteres apontados pelos pescadores. A ordem de citação foi respeitada nas respostas de todos os entrevistados, assim foram pontuados a importância dos critérios. Essas respostas foram agrupadas com uma análise de cluster, baseada em uma matriz de dissimilaridade (índice de Jaccard). Para isso utilizou-se o pacote *Vegan* no software R. Além disso,

comparou-se a classificação popular com descrições científicas presentes no Manual de Peixes Marinhos do Sudeste do Brasil (FIGUEIREDO; MENEZES, 2000), identificando convergências e divergências. O tratamento interpretativo dos dados seguiu uma perspectiva comparativa entre saber tradicional e conhecimento científico, visando integrar e valorizar ambos no contexto da gestão pesqueira sustentável.

Discussão e Resultados

A análise das entrevistas com os 14 pescadores da comunidade de Regência revelou um sistema de classificação popular para as espécies da família Sciaenidae baseado, sobretudo, em atributos morfológicos facilmente observáveis durante a captura. Entre os critérios mais citados destacaram-se cor, formato do corpo, tamanho e características da cabeça, atributos também empregados na taxonomia científica (FROESE; PAULY, 2019; FROESE; MOURÃO; NORDI, 2002). Essa convergência reforça que o conhecimento empírico tradicional, embora moldado pela prática e pela oralidade, apresenta alto potencial de complementaridade com métodos científicos de identificação (ALVES et al., 2019; DE LIMA, 2019).

No entanto, observou-se flexibilidade e sobreposição na nomenclatura popular. Certas espécies, como *Paralanchurus brasiliensis* e *Nebris microps*, receberam até seis nomes diferentes, enquanto denominações genéricas como “pescada” e “pescadinha” foram atribuídas a três ou mais espécies distintas. Essa variabilidade, já discutida por Abreu et al. (2020) e Albuquerque; Ramos (2021), demonstra que a nomeação popular é influenciada por fatores contextuais, como importância econômica, habitat de captura e até semelhança visual com outras espécies.

A análise de agrupamento mostrou que, em alguns casos, os agrupamentos formados pelos pescadores coincidem com as relações filogenéticas descritas pela taxonomia científica, como no caso de *Cynoscion acoupa* e *Cynoscion virescens*. Por outro lado, houve divergências, como a colocação de *Cynoscion microlepidotus* em um ramo distinto, evidenciando que, para os pescadores, pequenas variações de cor ou formato podem justificar uma categorização diferenciada. Esse achado está em consonância com estudos de Silvano; Begossi (2002) e Toledo; Barrera-Bassols (2009), que apontam a natureza adaptativa e dinâmica da etnotaxonomia.

No que se refere à transmissão do conhecimento, a grande maioria dos entrevistados afirmou ter aprendido a identificar peixes por meio de parentes próximos principalmente pais e avós ou de pescadores mais velhos da comunidade. Esse processo, baseado na oralidade e na prática cotidiana, foi amplamente descrito na literatura etnobiológica (SEIXAS; DAVIDSON-HUNT, 2019; COSTA-NETO, 2017) como elemento-chave para a preservação do saber tradicional.

Outro aspecto relevante é que espécies de maior valor comercial, como a pescada amarela (*C. acoupa*) e a corvina (*M. furnieri*), apresentaram maior uniformidade na nomenclatura e na precisão de identificação. Em contrapartida, espécies de menor relevância econômica exibiram maior variação de nomes e confirmando a relação entre valor econômico e consistência do conhecimento popular já observada por Fernandes et al. (2020) e Frederico et al. (2021).

Considerações Finais

O presente estudo alcançou seu objetivo central de analisar o sistema de classificação popular dos pescadores artesanais de Regência para as espécies da família Sciaenidae, comparando-o à taxonomia científica e investigando a forma como esse conhecimento é transmitido entre gerações. Verificou-se que a etnotaxonomia local é estruturada principalmente a partir de características morfológicas facilmente observáveis como cor, formato do corpo, tamanho e traços da cabeça e que, em diversos casos, apresenta convergência com a nomenclatura e critérios científicos.

Os resultados evidenciam que o conhecimento popular é detalhado e funcional para a realidade da pesca artesanal, mas também dinâmico e adaptável às condições de captura, à relevância econômica das espécies e ao contexto social.

A comunicação entre comunidade tradicionais e pesquisadores pode ser útil para fins de manejo e conservação, mas requer ações urgentes de documentação e valorização para evitar perdas irreversíveis. A criação de oficinas comunitárias e a integração desse saber em políticas públicas de gestão pesqueira conforme sugerido por Costa-Neto (2017) e Policarpo et al. (2020) podem fortalecer a transmissão intergeracional e ampliar a participação dos pescadores na governança dos recursos naturais.

Referências

ABREU, J. S. de; DI BENEDITTO, A. P. M.; MARTINS, A. S.; ZAPPES, C. A. Pesca artesanal no município de Guarapari, estado do Espírito Santo: uma abordagem sobre a percepção de pescadores que atuam na pesca de pequena escala. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 32, p. 59-74, 2020.

ALBUQUERQUE, U. P.; RAMOS, M. A. **Etnobiologia: conceitos, métodos e aplicações**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2021.

ALVES, A. G. et al. A inclusão do conhecimento etnotaxonômico nas políticas públicas de manejo pesqueiro: uma análise do conhecimento tradicional sobre as espécies e a sazonalidade das capturas. **Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**, v. 18, n. 1, p. 35-47, 2020.

DE LIMA, Luciano Benedito. **Da cienciometria ao campo: fatores que estruturam as comunidades de peixes em riachos**. 2019. Tese (Doutorado) — Universidade do Estado de Mato Grosso, 2019.

DIAS, A. C. E.; SEIXAS, C. S. Conhecimento ecológico dos pescadores de Tarituba: uma contribuição empírica à gestão da pesca com enfoque ecossistêmico. In: SEIXAS, C. S.; VIEIRA, P. F.; MEDEIROS, R. P. (orgs.). **Governança, conservação e desenvolvimento em territórios marinhos-costeiros no Brasil**. São Carlos: RiMa Editora, 2020. p. 265-290.

FERNANDES, J. M. et al. Checklist, riqueza de nomes comuns e questões de conservação de peixes marinhos desembarcados na pesca comercial do estado do Espírito Santo, Brasil. **Arquivo de Ciências do Mar**, v. 53, p. 134-142, 2020.

FIGUEIREDO, J. L.; MENEZES, N. A. **Manual de Peixes Marinhos do Sudeste do Brasil: Teleostei (4)**. São Paulo: Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, 2000.

MOURÃO, J. S.; NORDI, N. Principais critérios utilizados por pescadores artesanais na taxonomia folk dos peixes do estuário do Rio Mamanguape, Paraíba-Brasil. **Interciência**, Caracas, v. 27, n. 12, p. 664-670, 2002.

PRYSTHON, A.; BATISTA, V. S. Nomes comuns de peixes e implicações nas políticas públicas da pesca. **Boletim do Instituto de Pesca, São Paulo**, v. 47, 2021.

SEIXAS, C. S.; DAVIDSON-HUNT, I. **Pessoas, terra e água: Pesquisa participativa e ambientes sustentáveis**. New York: Routledge, 2019.

SILVANO, Renato A. M.; BEGOSSI, Alpina. Comparações entre as taxonomias folk e científica para peixes do litoral brasileiro. **Interciência**, v. 27, n. 9, p. 468-475, 2002.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Barcelona: Editorial Icària, 2009